

A designação da palavra “Feminismo” em dicionários

The definition of the word “Feminism” in dictionaries

La definición de la palabra “feminismo” en dicionários

Recebido: 21/04/2026 | Aceito: 30/04/2026 | Publicado: 02/05/2026

Júlia Cerutti Dal Bosco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5160-753X>

Instituto Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: juliaceruttidb@gmail.com

Priscila Gabriela Oliveira Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8488-4592>

Laboratório de Estudos Polifônicos/Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

E-mail: priscilagabi1610@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo primordial promover uma discussão acerca do significado da palavra *feminismo* em dicionários, sendo feita uma breve comparação deste verbete em dicionários do século XX e do século XXI. Para tanto, buscaremos analisar tal palavra com base na teoria da História das Ideias Linguísticas (Auroux, 1992), que leva em consideração o dicionário como importante instrumento de gramatização da língua, e a teoria interacionista sociodiscursiva (Bakhtin, 1997). Ademais, situaremos o sentido de feminismo a partir de um apanhado de estudos que descrevem a luta feminista e toda a sua trajetória até os dias atuais, com o intuito de demonstrar a importância deste movimento social. Partimos da hipótese de que o dicionário, como gênero textual de grande relevância, produz discursos envoltos em ideologias e memória social, construindo o imaginário da língua nacional. Quanto à análise das definições lexicográficas, constatamos que o sentido está pautado em uma definição simplória e do senso comum, pois não rememora os problemas que fizeram mulheres se unirem para desenvolverem um sistema de luta. Além disso, o verbete não acompanha as discussões sociais que permeiam o movimento conhecido como feminismo.

Palavras-chave: Dicionários; Feminismo; Gramatização; Gênero Discursivo.

Abstract

This study primarily aims to promote a discussion on the meaning of the word *feminism* in dictionaries, by conducting a brief comparison of this entry in dictionaries from the 20th and 21st centuries. To this end, we analyze the term based on the theoretical framework of the History of Linguistic Ideas (Auroux, 1992), which considers the dictionary an important instrument in the grammatization of language, as well as on the socio-discursive interactionist theory proposed by Mikhail Bakhtin (1997). Furthermore, we situate the meaning of *feminism* through an overview of studies that describe the feminist struggle and its trajectory up to the present day, in order to highlight the importance of this social movement. We start from the hypothesis that the dictionary, as a highly relevant textual genre, produces discourses shaped by ideology and social memory, thereby constructing the imaginary of the national language. Regarding the analysis of lexicographic definitions, we found that meaning is grounded in a simplistic, common-sense definition, as it fails to recall the issues that led women to unite and develop a system of struggle. Moreover, the entry does not reflect the social debates surrounding the movement known as feminism.

Keywords: Dictionaries; Feminism; Grammatization; Discourse Genre.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo principal promover una discusión sobre el significado de la palabra *feminismo* en diccionarios, a partir de una breve comparación de esta entrada en diccionarios de los siglos XX y XXI. Para ello, analizamos el término con base en la teoría de la Historia de las Ideas Lingüísticas (Auroux, 1992), que considera el diccionario como un importante instrumento de gramatización de la lengua, así como en la teoría socio-discursiva interaccionista propuesta por Mikhail Bakhtin (1997). Además, situamos el sentido de *feminismo* a partir de un recorrido por estudios que describen la lucha feminista y toda su trayectoria hasta la actualidad, con el fin de demostrar la importancia de este movimiento social. Partimos de la hipótesis de que el diccionario, como género textual de gran relevancia, produce discursos atravesados por ideologías y memoria social, construyendo el imaginario de la lengua nacional. En cuanto al análisis de las definiciones lexicográficas, constatamos que el sentido se basa en una definición simplista y de sentido común, ya que no rememora los problemas que llevaron a las mujeres a unirse para desarrollar un sistema de lucha. Además, la entrada no acompaña los debates sociales que atraviesan el movimiento conocido como feminismo.

Palabras clave: Diccionarios; Feminismo; Gramatización; Género Discursivo.

1. Introdução

Com o fim de realizar o presente estudo sobre a temática do significado de *feminismo* em dicionários de grande circulação, ciente das dificuldades e da complexidade que essa carrega, questiona-se de forma simples e preliminar, o que vem a ser o termo *feminismo*? Por uma interpretação literal, não há dúvidas que este vem sendo amplamente divulgado e estudado, posto que a sociedade anseia por mudanças em seu âmago patriarcal, buscando-se a igualdade de gênero e afastando todos os tipos de opressões sofridos por mulheres.

Sobre esta questão, as ciências modernas, tais como a jurídica e a linguística, entre outras, já não asseguram mais a dominação masculina, visto que buscam cada vez mais a libertação da mulher para ser, pensar e fazer o que desejar, e requerem o fim da perpetuação das diferenças de gênero, que antes desconsideravam o feminino. Ou seja, por séculos os discursos foram construídos a partir de conceitos masculinos, excluindo critérios extraídos do feminino, estando longe de serem neutros. A despeito disso, pode-se conceber como exemplo o simples fato de a mulher não poder votar, pois quem detinha esse direito era o homem. A justificativa para tanto era esdrúxula, advindo do entendimento errôneo de que as mulheres não tinham capacidade crítica de entender os meandros da política. Assim, é evidente que a omissão de gênero frente às instituições perdurou por muito tempo e ainda perdura, todavia de forma mais sutil, escondida por trás de falas normalizadas pela comunidade.

Nesse contexto, a partir de experiências machistas vivenciadas no dia-a-dia observou-se que o feminismo é um movimento que por vezes torna-se cultuado de forma errônea e desmoralizado frente à população, visto que é revestido por expressões margeadas de estereótipos. Assim, torna-se de suma importância a disseminação de sentidos que estejam de acordo com o movimento Feminista dentro de definições encontradas em dicionários, pois estes são instrumentos relevantes na construção da gramatização da língua nacional. Isto é, as gramáticas e dicionários instrumentalizam as línguas, criando bases para que estas ultrapassem a oralidade, tornando-se escritas, auxiliando na homogeneização e legitimação da língua ao longo dos tempos, além de sua disseminação.

Diante disso, buscou-se com esta pesquisa a divulgação do percurso da língua normatizada no dicionário, em uma tentativa de observar se a definição de *feminismo* contida nos instrumentos de gramatização analisados seguem o que de fato este movimento prega, a busca pela equivalência de gênero e desvinculação das decisões sociais do sistema patriarcal, acabando com as opressões e discriminações sofridas diariamente por mulheres (Narvaz & Koller, 2006).

Por fim, destaca-se que o objetivo primordial deste estudo foi promover uma discussão acerca do significado da palavra feminismo em dicionários, sendo feita uma breve comparação desse verbete em dicionários do século XX e do século XXI.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica com pouca estruturação (Risemberg et al., 2026) e, do tipo revisão narrativa da literatura (Fernandes, Vieira & Castelhana, 2025), utilizando a base de dados do Google Acadêmico que é base de pesquisa livre e gratuita e com os termos de busca: dicionários; feminismo; gramatização; gênero discursivo.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza interpretativista, uma vez que se dedica à análise de significados, representações e processos de produção de sentido. Conforme destaca Minayo (2001), a pesquisa qualitativa opera no campo dos valores, das crenças e das construções simbólicas, sendo especialmente adequada para investigações que envolvem linguagem e ideologia. Nessa direção, a escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender os efeitos de sentido produzidos pelas definições lexicográficas ao longo do tempo, bem como pelas próprias condições de possibilidade de constituição do corpus, tendo em vista as limitações de acesso a dicionários de

períodos mais remotos. Assim, o recorte analítico configura-se não apenas como uma escolha metodológica, mas também como efeito das condições materiais e institucionais de circulação desses instrumentos.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa documental, uma vez que o corpus é constituído por verbetes extraídos de dicionários monolíngues de língua portuguesa, publicados em diferentes períodos históricos, incluindo obras impressas e digitais. Conforme Gil (2008), a pesquisa documental permite o exame de fontes que ainda não receberam tratamento analítico aprofundado sob determinadas perspectivas, possibilitando a construção de novas interpretações. A seleção dos materiais considerou critérios de relevância histórica, circulação social e representatividade no processo de gramatização da língua, como delineado por Auroux (1992).

A análise dos dados fundamenta-se na História das Ideias Linguísticas (Auroux, 1992; Colombat; Fournier & Puech, 2017), em articulação com a perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin (1997). Nesse quadro teórico, o dicionário é concebido como um instrumento de gramatização que não apenas descreve a língua, mas produz e estabiliza representações sobre ela, inscrevendo-se em processos históricos de construção do saber linguístico. As definições lexicográficas são, portanto, compreendidas como enunciados que integram gêneros discursivos relativamente estáveis, constituídos em determinadas condições sociais de produção e atravessados por valores ideológicos. A análise orienta-se, assim, pela identificação de regularidades, deslocamentos e reconfigurações nos modos de dizer o feminismo, entendendo tais variações como efeitos de processos históricos e discursivos que configuram o imaginário linguístico e social.

3. Revisão de Literatura

A presente revisão de literatura tem como objetivo discutir os principais aportes teóricos que fundamentam a análise proposta neste trabalho, articulando, de um lado, as reflexões acerca do preconceito de gênero, historicamente estruturado no âmbito do patriarcado, e, de outro, as contribuições da História das Ideias Linguísticas e dos estudos discursivos sobre o funcionamento dos dicionários.

Parte-se do entendimento de que as desigualdades de gênero não se manifestam apenas nas relações sociais concretas, mas também são produzidas e reproduzidas pela linguagem, a qual atua como espaço privilegiado de construção e circulação de ideologias. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender como o discurso lexicográfico, longe de ser neutro, participa da consolidação de sentidos socialmente estabilizados, inclusive aqueles relacionados ao feminismo.

Assim, esta seção organiza-se em dois momentos: inicialmente, discute-se o preconceito de gênero e suas implicações sociais e linguísticas; em seguida, aborda-se o papel dos dicionários enquanto instrumentos de gramatização e gêneros discursivos, responsáveis pela produção, legitimação e memória dos sentidos na língua.

3.1 O preconceito de gênero

É fato que o preconceito de gênero sofrido por mulheres ao longo da história é baseado no sistema de dominação mais antigo, conhecido como patriarcado, que está articulado ao capitalismo (Narvaz & Koller, 2006). O patriarcado pode ser entendido como a manifestação e institucionalização do domínio do homem sobre as mulheres e crianças da família, e tal domínio estende-se a toda sociedade (Mendes, 2012).

Assim, isso “implica que os homens tenham poder nas instituições importantes da sociedade, e que privam as mulheres do acesso às mesmas” (Mendes, 2012, p. 101-102). Ademais, preceitua Zaffaroni (2013, p. 113) que por patriarcado entende-se:

O domínio machista e todas suas implicações. O gênero revela a principal armadilha do patriarcado: a confusão de sexo com a o papel atribuído. O sexo é algo anatômico, mas o gênero não tem nada a ver com a anatomia. A mulher tecendo, cozinhando, esperando o marido, cosendo, não tem nada de sexual, tratando-se, antes, de um conjunto de papéis culturalmente atribuídos pelo poder patriarcal. Isso é o gênero.

Além disso, o sistema patriarcal pode significar ainda uma tomada de poder histórica pelos homens sobre as mulheres, motivada pela ordem biológica, ou seja, baseada em uma suposta inferioridade biológica destas, e que é elevada tanto à categoria política, quanto econômica (Mendes, 2012). Esse poder manifesta-se e é sustentado por diversas instituições políticas e civis que determinam que as mulheres estejam subordinadas aos homens, ainda que uma ou várias mulheres sejam detentoras do poder (Facio, 1999).

Diante disso, Narvaz e Koller (2006) explicam que a luta feminista surge, em suas três gerações, justamente com o intuito de solucionar os problemas referentes às opressões de gênero, com seu nascedouro no patriarcado, que culminam em práticas discriminatórias nos mais diversos meios sociais. Logo, o feminismo é uma filosofia, que tem estreita ligação com a política, e reivindica a equivalência entre mulheres e homens, visto que estes sempre foram privilegiados, enquanto aquelas foram negligenciadas e desvalorizadas ao longo da história (Narvaz & Koller, 2006).

Haja vista, Jones (1994, apud Narvaz & Koller, 2006, p. 652) assevera que a expressão “feminista” está circunscrita por estereótipos e preconceitos, que vão dos mais simples, como mulheres que não gostam de homens e que não gostam de se arrumar, até os que depreciam a inteligência das feministas, que não entendem de política e lutam por uma questão irrelevante. Isso ocorre justamente por causa das “resistências institucionais”, no qual as mulheres questionaram o sistema patriarcal que dominava (e ainda domina) a sociedade, estremecendo as bases do mundo capitalista.

Nesse sentido, a linguagem é um meio de perpetuação social no qual os homens tiveram e ainda têm o seu controle. O que nos permite afirmar isso é a simples observação de que as agências políticas¹ estão ocupadas em sua maioria por homens. Assim, Bueno (2015, s.p.) afirma que as desigualdades de gênero “passam por todas as instituições, redes de poder e de controle social instaurando uma linguagem androcêntrica que exclui as mulheres dos discursos jornalísticos, jurídicos e científicos”.

Ademais, surge o chamado sexismo na linguagem que Bueno (2015, s.p.) descreve como “uma forma de discriminação revelada, por exemplo, quando ao referir-se a um sujeito composto em uma oração gramatical, a norma culta da língua portuguesa obriga o gênero feminino a embutir-se ao termo masculino”, além de ser evidente, também, a partir da desigualdade social, quando demonstrado através de “expressões impregnadas de estereótipos, desigualdades, desrespeito, inverdades científicas, preconceitos, no que diz respeito a mulheres e homens” (Lessa, 2011, p. 65, apud, B, 2015).

Desta feita, Rossi (2012, s.p.) afirma que “a língua não é inocente”, visto que além do que de fato é dito, há o que está implícito. E mais: “a linguagem tem vários níveis, o literal ou explícito e o implícito. É por isso que pode ser sexista, machista, disfarçado”. Portanto, torna-se evidente que a construção de “tipos relativamente estáveis de enunciados” está estritamente ligada a objetivos comunicativos diversos, os quais se traduzem em gêneros discursivos (Bakhtin, 1997). Por isso, entendemos que o dicionário é um gênero discursivo de suma importância na construção de significados na sociedade, pois transforma a língua em uma ferramenta de gramatização.

¹ Parlamento e Executivo.

3.2 Os significados nos dicionários: breve apanhado sobre as Ideias Linguísticas

O linguista José Horta Nunes (2010) apresenta os dicionários como objetos discursivos historicamente situados, produzidos sob determinadas condições sociais e ideológicas e não como simples coleções neutras de palavras. A partir da perspectiva da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas (HIL), o autor argumenta que o dicionário é uma forma específica de discurso sobre a língua, organizado para um público leitor em certos momentos históricos e sociais, o que significa que suas escolhas lexicais e definições refletem processos discursivos e valores que atravessam a própria comunidade linguística. Portanto, ao invés de tratar o dicionário como um instrumento neutro de registro, ele propõe que se compreenda o dicionário como memória discursiva e prática de produção do saber linguístico, cujas formulações são parte de um continuum histórico de gramatização.

Nesse sentido, e em consonância com os preceitos de Bakhtin (1997), observa-se que as manifestações verbais se dão sempre por meio de textos orais ou escritos que são concretizados por algum gênero textual. Assim, entende-se que é impossível a comunicação verbal sem a utilização de algum gênero, como também torna-se impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Diante disso, conclui-se que a comunicação verbal ocorre apenas por meio de algum gênero textual (Bakhtin, 1997).

Ainda conforme Bakhtin (1997), quando há o domínio de um gênero textual há a competência de se realizar objetivos específicos através de uma estrutura linguística em determinadas situações sociais, como já explicitado acima. Por isso é irrefutável a afirmação de que a apropriação dos gêneros é uma forma de inserção nas atividades comunicativas da sociedade (Bakhtin, 1997). Além disso, “como entidades sociodiscursivas, os gêneros manifestam, inclusive, as regras de funcionamento e até de controle da sociedade” (Pereira & Nadin, 2019, p. 3).

Marcuschi (2008, p. 154), por sua vez, afirma que os gêneros discursivos “operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual”. E acrescenta que “os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas”, ou seja, eles são textos que se encontram na vida diária sobre situações concretas caracterizados por certos padrões sociocomunicativos (Marcuchi, 2008, p. 155).

No nosso caso, o gênero textual a ser trabalhado é o dicionário, que, utilizando-se da explicação de Pereira e Nadin (2019, p. 3), “resulta em um texto possuidor de estrutura relativamente estável dentro da sociedade e que reflete, assim como os diversos textos existentes em uma comunidade linguística, as diferentes ideologias do povo de que é representante”. Por fim, é de grande valia o ensinamento de Auroux (1992), no qual não existe reflexão da linguagem sem a escrita, pois é a partir do nascimento da escrita que surgiram os conhecimentos linguísticos.

Assim, segundo o autor citado acima, torna-se imprescindível estudar e compreender a constituição do dicionário, pois este é um instrumento tecnológico da gramatização, que é um “processo que conduz a descrever e instrumentar uma língua” (Auroux, 1992, p. 65). Ademais, Aquino (2016, p. 37) aduz que esse instrumento, juntamente com a gramática, exprime muito sobre como é concebida a identidade de uma sociedade e “observar a constituição de instrumentos tecnológicos brasileiros é uma maneira de perceber como se constrói uma identidade brasileira”.

Auroux (1992) explicita em sua teoria que existem dois saberes que perpassam a história das ideias linguísticas, o saber epilinguístico e o metalinguístico. O primeiro refere-se a percepção inconsciente do sujeito falante, enquanto o segundo saber é o próprio conhecimento linguístico sobre a linguagem, isto é, as representações da linguagem sistematizadas historicamente com o advento da escrita. Logo, o saber metalinguístico, surge com a necessidade de aquisição do domínio da língua (falar e/ou compreender uma língua), seja o domínio da enunciação (adaptar o discurso ao ouvinte), seja o domínio da

escrita, ou, até mesmo o próprio domínio da língua, como uma forma de aprender a falar e entender uma língua estrangeira (Auroux, 1992).

Nesse deslinde, Aquino (2016, p. 39), sendo a gramatização “um processo de instrumentação das línguas que altera os espaços de comunicação e permite uma maior estabilidade linguística”, o dicionário, como seu produto, é um instrumento que amplia e altera a competência linguística dos sujeitos em uma determinada sociedade e, assim, constrói uma “unidade linguística”. Portanto, entender “como o dicionário funciona é compreender como são praticadas as políticas da língua, especialmente a língua nacional em sua necessidade de unidade” (Orlandi, 2000, p. 97).

Orlandi (2000, p. 98) ainda afirma que o dicionário é lugar de construção de memória social e “adquire aqui o sentido de uma tecnologia própria à configuração de relações sociais específicas e entre seus sujeitos, na história. Ele é, desse modo, constitutivo na formação social”. Assim, o objetivo deste trabalho é estudar como ocorre o processo de gramatização da língua brasileira, por meio do dicionário, justamente por esta contribuição ser importante, visto que torna “possível mais um modo de acesso às maneiras como se constrói o imaginário da língua para aquele que a fala” (Orlandi, 2000, p. 99). Por conseguinte, ainda enfatiza:

Podemos, assim, compreender o dicionário como parte de nossa relação com a língua, valorizando seu conhecimento histórico e não apenas em sua função normatizadora. Por outro lado, e não menos importante, podemos também compreender o funcionamento da ideologia, pois ao tomar o dicionário como discurso, podemos ver como se projeta nele uma representação concreta da língua, em que encontramos indícios do modo como os sujeitos - como seres histórico-sociais, afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo do funcionamento da ideologia - produzem linguagem.

Vale ressaltar que “se o dicionário representa a língua, os usuários se identificam com o efeito ideológico aí produzido: a língua aparece como “nossa” língua, a língua “comum”, dos “brasileiros” etc.” (Orlandi, 2000, p. 102). Assim, o dicionário é um instrumento que apresenta uma ideologia, não sendo neutro, produzindo efeitos em relação aos seus consulentes. Isso ocorre porque ele dita quais são as palavras de uma língua e quais não são, além de naturalizar os sentidos dessas palavras, quando eles são construídos historicamente.

Nesse liame, este instrumento de gramatização pode contribuir para que uma homogeneização da língua ocorra, utilizando-se de “critérios estabelecidos dentro de uma certa ordem” (Machado, 2007, s.p.). Isto é, a definição de palavras dentro de dicionário produz sentidos que são institucionalizados e legitimados sobre e na língua do país, tornando-se um objeto político. Mediante o exposto, a autora conclui seu pensamento evidenciando que a compreensão de palavras e sua definição produzem sentidos nos acontecimentos enunciativos que devem ser observados tanto nas relações internas à língua, como também na relação com a história e com o sujeito (Machado, 2007).

4. Resultados e Discussão: Análises da palavra *feminismo*

Nesta parte do trabalho iremos analisar o *corpus* formado por palavras retiradas de dicionários monolíngue de língua portuguesa, sendo um do século XX e três dicionários do século XXI, no qual um é online. Para tanto, focaremos na palavra *feminismo*, com o intuito de observar como estes instrumentos de gramatização de grande circulação concebem a designação de tal palavra. Assim, nos interessa o modo como esta palavra é referida nas diferentes formas de enunciação e como produz seus efeitos diante dos consulentes.

Em suma, a escolha da palavra justifica-se pelo desejo de compreender os sentidos que reverberam socialmente, mesmo em épocas distintas, sobre o movimento feminista. Ademais, a escolha também está relacionada por acreditarmos que os verbetes em dicionários são de grande importância na disseminação de discursos em torno do *feminismo* na sociedade.

Ademais, em uma de nossas pesquisas encontramos uma reportagem na qual um Dicionário americano, o Merriam-Webster, elegeu *feminismo* como a palavra do ano de 2017, justamente pelo aumento do índice de procura desta palavra, o que nos instigou a produzir este trabalho.

Apesar de quase uma década ter se passado após a notícia, consideramos relevante a discussão acerca da concepção do movimento feminista, ainda que esta não esteja aprofundada nas ideias defendidas por esta articulação, mas aos sentidos que emergem a partir da palavra, uma vez que, ainda hoje, observa-se a persistência de compreensões reducionistas, equivocadas ou mesmo distorcidas sobre o movimento. Nesse sentido, interessa-nos promover maior esclarecimento a respeito de um movimento historicamente relevante, a partir de uma possível redução dos estigmas atrelados ao vocábulo. A princípio, analisaremos a palavra *feminismo* no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Candido de Figueiredo, datado de 1913. Apesar de querermos consultar os primeiros dicionários monolíngues do Brasil, não conseguimos ter acesso. Portanto, buscamos encontrar dicionários que pudessem traduzir os pensamentos de épocas diferentes, pois acreditamos na hipótese de que os sentidos de palavras se modificam ao longo do tempo.

Diante disso, seguindo a análise do dicionário citado, consta no preâmbulo da obra que ele está regido “em harmonia com os princípios modernos da ciência da linguagem, contendo o dobro de vocabulários de seus antecessores”. Com isso, entende-se que tal dicionário abrange uma gama de palavras que eram omitidas de outros dicionários, entre elas está, para a nossa surpresa, a palavra *feminismo*. Para situar os acontecimentos que ocorriam na época de sua publicação, vale destacar que no início do século XX o movimento feminista estava em seu nascedouro na Europa e tinha uma vertente no Brasil, sendo conhecido como a primeira geração do feminismo.

A definição atribuída à palavra *feminismo* é a seguinte: “Systema dos que preconizam a ampliação legal dos direitos políticos e civis da mulher, ou a igualdade dos direitos dellas aos do homem”. O verbete é curto e não contém exemplos, contendo apenas duas definições ligadas pela conjunção “ou”, que, segundo Bechara (2015, p. 338), têm a função de enlaçar “[...] as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles” (Bechara, 2015, p. 338).

Nesse caso, o conectivo “ou” funciona como disjunção, isto é, um significado pode ser substituído pelo outro, como se os dois estivessem em uma relação de sinonímia. Todavia, cumpre pontuar que o feminismo como sistema prega tanto a ampliação dos direitos das mulheres, como a equivalência destes direitos aos dos homens, tornando o sentido do emprego da conjunção equivocado. Porém, ao levar em consideração a época de publicação do dicionário em análise, o significado de *feminismo* encontra-se alinhado a um dos principais ideais pregados pelas feministas, pois há a ampliação de direitos políticos e civis das mulheres. Mas, falta uma discussão a respeito da desigualdade e opressão sofrida pelas mulheres e o que as levou a requerer igualdade de direitos, além das mulheres aparecerem como objeto do feminismo e não como sujeitos. Ademais, vale acrescentar que o feminismo é considerado como sistema para este dicionário.

O segundo dicionário a ser estudado é o Minidicionário da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno, de 1996. O dicionário não contém nota introdutória, preâmbulo ou prefácio, para nos situar em relação ao seu público, mas acreditamos ser uma edição própria para estudantes em séries iniciais, visto que contém uma parte específica com a relação de coletivos e vozes de animais. Assim, neste dicionário a definição de *feminismo* é: “Movimento que prega a igualdade entre os sexos”. Aqui já observamos que o termo em análise não é mais “sistema” e, sim, “movimento”. Nesse sentido, a definição não comporta mais “homem” e “mulher”, e sim “sexos”.

Primeiramente, é imperioso destacar que a definição apresentada no Minidicionário da Língua Portuguesa, de 1996, é ainda menor que a do dicionário de 1913. A definição utiliza a palavra sexo, não especificando se é a partir do aspecto biológico, isto é, homem e mulher, ou se vai além disso, pensando em sentidos que evitem a confusão entre gênero e sexo.

O terceiro dicionário é o Mini Aurélio, 7ª edição, publicado em 2008, e tem por público-alvo estudantes, profissionais e pessoas que diariamente querem “esclarecer uma dúvida ou saber o sentido de uma palavra” (Ferreira, 2008, p. 8). O verbete do *feminismo* contém o seguinte enunciado: “Movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos do homem”.

Ao ler o significado, notamos semelhança com a descrição contida no dicionário de 1913, o que evidencia que se passam os anos e os autores de dicionários não buscam atualizar os sentidos de palavras tão importantes na sociedade. Estamos em um período no qual as lutas feministas ganham força e precisam ser propagadas, em todos os níveis e de todas as formas possíveis. Portanto, notadamente o significado de *feminismo* precisa ser revisto e deve-se acrescentar questões voltadas para a luta por igualdade de direitos, mas também a busca por respeito e evidenciar a raiz das opressões, o patriarcado.

Observa-se, no corpus analisado, um deslocamento terminológico significativo na designação do feminismo: enquanto o dicionário de 1913 o define como “systema”, os dicionários posteriores passam a caracterizá-lo como “movimento”. À luz da História das Ideias Linguísticas, tal alteração não pode ser compreendida como mera variação lexical.

Conforme Auroux (1992), o dicionário constitui instrumento de gramatização que estabiliza representações da língua e, conseqüentemente, participa da construção do imaginário social. Nesse sentido, a escolha do termo “sistema” inscreve o feminismo como estrutura doutrinária organizada, ao passo que “movimento” o posiciona como prática social dinâmica e histórica.

Considerando Orlandi (2000), que concebe o dicionário como lugar de memória discursiva, essa mudança pode indicar um reconfiguramento do enquadramento ideológico do termo ao longo do tempo.

Além disso, sob a perspectiva bakhtiniana, toda escolha lexical é atravessada por valores sociais; assim, a recorrência de “movimento” nos dicionários contemporâneos sugere uma estabilização discursiva que privilegia a dimensão sociopolítica da ação coletiva em detrimento de uma possível leitura sistemática ou doutrinária.

Assim, cabe ressaltar, a partir da perspectiva de Nunes (2010), que a passagem de “sistema” para “movimento”, nos verbetes dos dicionários, não é mera variação lexical, mas um deslocamento discursivo. Essa mudança indica transformações nas formas de produção e estabilização do conceito ao longo do tempo. Assim, a recorrência de “movimento” nos verbetes contemporâneos revela uma reorganização das representações sociais e deve ser entendida como efeito das condições históricas e ideológicas de produção dos dicionários, reforçando a necessidade de analisá-los como discursos.

Por fim, analisamos o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. A definição da palavra estudada é a seguinte:

Movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcado, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual).

O sentido dado à palavra *feminismo* no verbete acima, é fundamentado a partir da compreensão de que homens e mulheres são *intrinsecamente iguais*, ainda que essa expressão não delimite em que dimensão essa igualdade é concebida, seja biológica, social ou política.

Nesse sentido, observa-se pela primeira vez dentro dos excertos de dicionários selecionados o aparecimento da palavra *patriarcado*, sugerindo que esse sistema seja o precursor de desigualdades entre mulheres e homens. O referido dicionário também traz uma descrição acerca da finalidade do movimento feminista quando cita a equiparação dos direitos

sociais e políticos entre homens e mulheres. Nesse sentido, o verbete apresenta uma formulação, que entendemos como adequada, sobretudo por situar o sistema patriarcal como condição estruturante da desigualdade que organiza o feminismo.

5. Conclusão

A partir do desenvolvimento desta breve análise, acreditamos que a descrição da palavra *feminismo* no dicionário de 1913, de Candido de Figueiredo, esteja adequada, pois revela o contexto social da época em que foi produzido: o início do movimento feminista na Europa. Desse modo, é possível que, por ainda estar se constituindo enquanto uma articulação social, seus objetivos ainda não estivessem definidos ou determinados, o que pode justificar o uso da conjunção alternativa *ou* no excerto. No entanto, é necessário ressaltar que as definições que lá aparecem conectadas pela conjunção alternativa passam, no atual cenário, a ser compreendidas como aspectos que se articulam e se complementam, deixando de operar como ações excludentes do movimento.

Em relação ao Minidicionário da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno, de 1996, e o Mini Aurélio, de 2008, consideramos o sentido empregado à palavra estudada ultrapassado, não estando coerente com o avanço do feminismo no final do século XX e início do século XXI. Por fim, entendemos que a definição mais adequada se encontra no dicionário de língua portuguesa Michaelis Online, pois remete a história e a justificativa para a luta empenhada por mulheres feministas em todo o mundo.

As reflexões produzidas nesta breve análise não buscam tornar inapropriada a produção dos lexicógrafos apresentados, apenas gostaríamos de promover algumas considerações a respeito da circulação do sentido da palavra *feminismo* a partir dos estudos mencionados no corpo teórico deste artigo. A partir disso, justifica-se o olhar ao dicionário enquanto um gênero que não apenas registra, mas também produz e legitima compreensões.

Referências

- Aquino, J. E. (2016). *Júlio Ribeiro na história das ideias linguísticas no Brasil*. 354 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/321925/1/Aquino_JoseEdicardlosde_D.pdf.
- Auroux, S. (1992). *A revolução tecnológica da gramatização*. Editora da UNICAMP.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. (2ed). Editora Martins Fontes. *E-book*.
- Bechara, E. (2015). *Moderna gramática portuguesa*. (38ed). revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Editora Nova Fronteira.
- Bueno, A. L. D. (2015). *A produção do sexismo na linguagem: gênero e poder em dicionários da língua portuguesa*. <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/674.pdf>.
- Bueno, F. S. (1996). *Minidicionário da língua portuguesa*. Editora FTD.
- Colombat, B., Fournier, J.-M. & Puech, C. (2017). *Uma história das ideias linguísticas*. Editora Contexto.
- Facio, A. (1999). *Género y Derecho*. Santiago de Chile: LOM Ediciones: La Morada.
- Fenandes, J. M. B., Vieira, L. T. & Castelhana, M. V. C. (2023). Revisão narrativa enquanto metodologia científica significativa: reflexões técnico-formativas. *REDES – Revista Educacional da Sucesso*. 3(1), 1-7. ISSN: 2763-6704
- Ferreira, A. B. H. (2008). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. (7ed). Editora Positivo. ISBN 978-85-7472-959-6.
- Figueiredo, C. (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: 1913. 2175 p. <https://ia600909.us.archive.org/0/items/DicionrioPortugus/Dicion%C3%A1rio%20Portugu%C3%AAs.pdf>.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ed). Editora Atlas.
- Machado, C. P. (2007). *A designação da palavra preconceito em dicionários atuais*. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. Editora Parábola Editorial.

Mendes, S. R. (2012). *(Re)pensando a criminologia: reflexões sobre um novo paradigma desde a epistemologia feminista*. Dissertação (Tese em Direito) - PPG/FD/UnB, Universidade de Brasília, Brasília.

Michaelis. (2026). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>.

Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (18ed). Editora Vozes.

Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 647-54. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>.

Nunes, J. H. (2010). *Dicionários: história, leitura e produção*. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília, Brasília. 3(1-2), 6-21. <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/1981/1305>.

Orlandi, E. P. (2000). *Lexicografia discursiva*. Editora Alfa. <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201>.

Pereira, R. R. & Nadin, O. L. (2019). *Dicionário enquanto gênero textual: por uma proposta de categorização*. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 41(1), e43835. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43835>.

Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [Free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.

Risemberg, R. I. C. et al. (2026). A importância da metodologia científica no desenvolvimento de artigos científicos. *E-Acadêmica*, 7(1), e0171675. <https://eacademica.org/eacademica/article/view/675>.

Rossi, C. P. (2012). *La lengua no es inocente*. <http://www.perirossiarticulos.blogspot.com.br>.

Zaffaroni, E. R. (2013). *A questão criminal*. Editora Revan. 219 p.